

O Luto de uma Criança: O Processo em Psicoterapia

Mônica Marin¹

Nair Teresinha Gonçalves²

Resumo

Este trabalho buscou analisar e estudar como se comporta uma criança enlutada pela morte de sua mãe. Para tal análise, realizou-se um estudo de caso de uma família que buscou acompanhamento para a criança, a qual fez atendimentos de psicoterapia com aporte na Terapia Relacional Sistêmica. Paciência e atenção, bem como o respeito ao tempo da criança e a construção do vínculo terapêutico, são características importantes no atendimento a uma criança que está vivenciando esse processo de luto. A psicoterapia com a criança desta família visou abrir espaço para a expressão dos seus sentimentos através de diversas técnicas aliadas à criatividade, uso de bonecos e desenhos. Contatou-se assim, que foi possibilitado que a mesma conhecesse seus sentimentos e compreendesse o que estava vivenciando em sua vida, contribuindo para o seu processo de elaboração do luto.

Palavras-chave: família; criança; morte; luto.

The Mourning of a Child: The Process in Psychotherapy

Abstract

This work has aimed to analyze and study how is the behaving of a bereaved child by yours mother's death. For this analysis, a study of a family's case, which sought the following of a child who did psychotherapy attendances, was realized according to Systemic Familiar Therapy. Patience, attention and respect for the child's time and the construction of the therapeutic relationship, are important characteristics in the care of a child that is experiencing the grieving process. The psychotherapy with this

¹Psicóloga – PUCRS; Terapeuta Individual, de Família e Casal – INFAPA (Instituto de Família de Porto Alegre). Trabalho de Conclusão, Especialização em Terapia Individual de Família e Casal – 2011.

²Psicóloga – Orientadora do Trabalho de Conclusão – INFAPA (Instituto de Família de Porto Alegre).

family's child has tried to open spaces to feeling's expression through several techniques combined to creativity, use of toys and draws. It was noted that it was possible for the child to know her feelings and understand what she was experiencing in her life, contributing to her process of grief's elaboration.

Keywords: family; child; death; mourning.

Introdução

Família. Uma palavra de difícil definição. Tão pequena, mas carregada de sentidos. Seria ousadia minha tentar descrevê-la em poucas linhas.

Estudar as famílias, sua dinâmica, estrutura, funcionamento nos permite perceber a diversidade. Cada família é única, devemos entender as diferenças entre elas, as suas necessidades, bem como suas diferentes fases desenvolvimentais. Devemos ouvi-las e perceber tamanha complexidade existente em cada uma.

Para trabalhar com as famílias nos preparamos para receber e respeitar essas diferenças. O objetivo é simplesmente ajudar que estas superem a crise e que, com seus recursos, voltem a funcionar bem. Todas as famílias, em seus pontos de transição do ciclo vital, vivenciam momentos de ansiedade, e é principalmente nestes períodos que estas buscam auxílio. É lembrando estes momentos de ansiedade que inicio meu estudo. Pensando em estressores decorrentes do ciclo de vida familiar que levam algumas famílias à desorganização ou até mesmo à disfuncionalidade, Carter e McGoldrick (2001) salientam que o fluxo de ansiedade de uma família pode ser tanto “vertical” quanto “horizontal”, ou seja, estressores verticais incluem padrões de relacionamento e funcionamento transmitidos de geração para geração, como por exemplo, tabus, expectativas, rótulos e questões opressivas familiares. O fluxo horizontal inclui a ansiedade resultante dos estressores desenvolvimentais, sejam eles predizíveis (transições de ciclo de vida) ou imprevisíveis, como uma morte precoce, doença crônica, acidente, entre outros.

Estressores imprevisíveis como uma doença e a morte foram fatores que levaram a família M. a se desorganizar e iniciar um período de muitos conflitos, com constantes brigas e ressentimentos. Uma família com uma criança pequena, um “pai-cuidador” sozinho, a doença e morte de uma mãe e muitos

problemas relacionais. É esta família que busca o atendimento para a menina e que analisarei no decorrer deste estudo. Início de um desafio.

Uma família, uma criança e a elaboração do luto

Bela é uma menina de sete anos, filha de Eduardo, de 30 anos, e Paula (nomes fictícios)³. Aos 26 anos a mãe de Bela descobriu uma doença (câncer) que iniciou e se alastrou rapidamente. Aos 27 anos Paula faleceu, deixando a filha com dois anos de idade.

Bela e o pai moram sozinhos em um apartamento. Eduardo é Representante Comercial e viaja bastante em função deste trabalho. Para cuidar da filha, ele conta com o auxílio dos seus pais, que residem no mesmo prédio e o ajudam na criação e educação da menina.

Após o falecimento da mulher, Eduardo inicia um relacionamento com Cristina (29 anos), o qual nunca foi totalmente assumido perante a sua família. Mesmo quando a parceira engravida, esse segredo é mantido de seus familiares, os quais tomaram conhecimento do fato apenas no sétimo mês de gestação da moça. Desta, nasce Joana, a razão dos ciúmes de Bela, que “briga” para chamar a atenção de todos. A partir daí teria que dividir o espaço com a irmã, o qual era “todo dela”.

A morte de Paula promoveu o início de muitas brigas – judiciais, verbais e corporais – entre as famílias materna e paterna de Bela, várias delas vivenciadas pela menina. Desde então, muitos sentimentos de rancor e mágoa ficaram embutidos nessas pessoas, cada qual com as suas razões e motivos.

O motivo da busca do atendimento eram alguns dos comportamentos da menina. Estava agressiva na escola, não conseguindo se relacionar com os colegas, e em casa estava tendo crises de choro, principalmente quando se despedia de alguém próximo.

A necessidade de atendimento psicológico era apenas observada pela avó materna, Lia, com 57 anos, viúva há 18 anos, muito preocupada com a única neta. O pai e os avós paternos, Inês e José, eram

³ Previamente à publicação, foi solicitada a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ao responsável pela paciente, autorizando a utilização de dados para o relato de estudo de caso, obedecendo, assim, os preceitos éticos e legais. Tornamos evidente ao participante do estudo que lhe seria assegurado o anonimato do mesmo, da paciente menor de idade e da família descrita no caso.

contra o acompanhamento terapêutico, pois, de acordo com Eduardo na primeira sessão, “Bela está bem, não precisa dessas coisas” [sic], culpando a avó materna das crises e da irritação da criança.

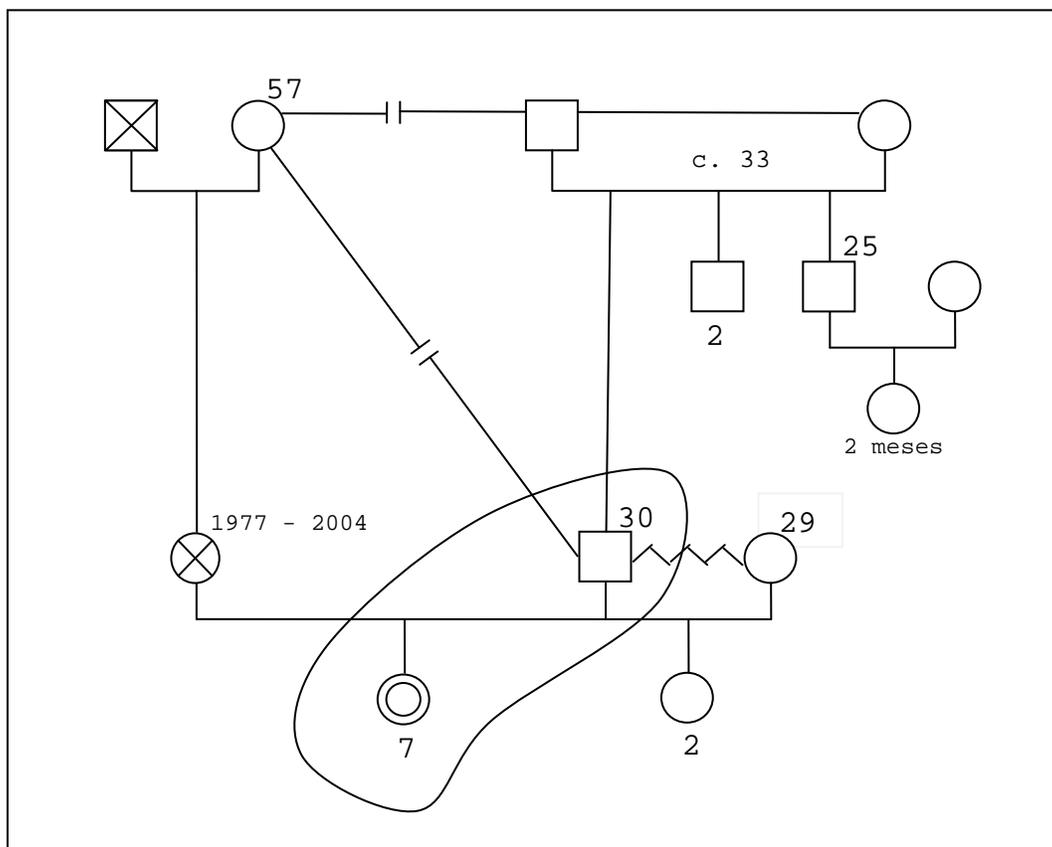


Figura 1. Genograma da família M.

Conforme o genograma da família M. (Figura 1), observa-se alguns dos padrões de relações estabelecidos entre as famílias. A falta de comunicação é uma característica marcante resultante das brigas. Não havia qualquer tipo de conversa entre as partes, sendo tudo resolvido por meio judicial, dificultando a educação e criação de Bela.

Foi após uma briga judicial que ficou acordado que o responsável deveria levá-la ao tratamento. Desde o início, Eduardo deixou claro que eles estavam levando a menina em função do acordo com a justiça. Segundo este acordo, o pai ou os avós paternos deveriam levar a menina aos atendimentos e Lia que realizaria os pagamentos.

Ao longo dos atendimentos iniciais fui conhecendo os familiares de Bela. Era notável a necessidade de atendimento familiar, mas também percebia a dificuldade em poder contar com a participação e envolvimento destes. Muitas vezes não levavam a menina às sessões marcadas ou não realizavam as combinações realizadas. Aos poucos fui estabelecendo regras como forma de auxiliar em uma nova estruturação e melhor organização deste sistema, o que auxiliaria na melhora dos comportamentos de Bela.

Lembrando dos acontecimentos vividos entre as famílias após o falecimento de Paula, pude compreender um pouco sobre o processo de luto que elas enfrentaram. O luto é uma reação, seja tanto familiar quanto individual diante uma perda importante. A perda pode ser entendida como um processo transacional, envolvendo o morto e os sobreviventes em um ciclo de vida comum, a qual distingue tanto a finalidade da morte como a continuidade da vida. É o processo de reconstrução, de reorganização diante da morte, sendo um desafio cognitivo e emocional que cada um deve enfrentar (Franco & Mazorra, 2007; Silva, 2009; Walsh & McGoldrick, 1998).

Não se pode esquecer que a morte não é a única perda, pois também vivenciamos o luto em situações de afastamento, divórcio, aposentadoria, perda de capacidades físicas ou psicológicas, troca de casa ou emprego, dentre outros. São experiências que levam o indivíduo a gerar mudanças internas ou externas, promovendo novos meios de lidar com os acontecimentos que surgem (Walsh & McGoldrick, 1998).

Na família em estudo, pude colher os relatos dos acontecimentos ocorridos no período posterior ao falecimento de Paula. Como essa família funcionava após essa morte? Em entrevistas com cada um dos cuidadores mais próximos da menina, compreendi um pouco como cada integrante vivenciou esse processo de luto, o que repercutiu diretamente em uma criança pequena. Pude notar o carinho que todos sentiam por Paula e a dificuldade vivenciada durante o período de doença. Paula era bem quista pelos pais de Eduardo, e este se dava bem com Lia. Após o falecimento, muitos desentendimentos começaram a acontecer. A conversa e a negociação foram substituídas por brigas por pequenos objetos, pela guarda de Bela e pela posse do apartamento em que pai e filha continuaram residindo depois da morte de Paula. A avó materna e os familiares paternos não conseguiam mais se comunicar, e os problemas começaram a ser resolvidos por meio da Justiça. Em função disso, a raiva e a mágoa eram sentimentos existentes

por ambas as partes, que interferiam na rotina e nas atitudes do dia-a-dia com Bela, onde, em muitas situações ela era “usada” para atingir a outra parte e mantida no meio das brigas dos “adultos”.

Em seu estudo, Silva (2009) levanta essa questão ao falar na morte de um dos pais, colocando que é a ocasião propícia para haver a interferência da família de origem de ambos os lados, inclusive com disputas judiciais pela guarda da criança. Diz ainda que é nesse momento que os papéis e funções devem ser reorganizados e redefinidos. Estas brigas e possíveis rompimentos apenas dificultarão o processo de luto dos membros, com efeitos sobre outros relacionamentos (Walsh & McGoldrick, 1998).

Brazelton (1991) salienta que o primeiro passo para que a família se recupere da perda de algum membro importante é propiciando que cada adulto reconheça o que a perda significa, conseguindo vivenciar e sentir a dor, curando aos poucos suas feridas. O passo seguinte é ajudar as crianças a enfrentarem e compreenderem sua perda particular.

No transcorrer do tratamento de Bela, tentei inúmeras vezes realizar atendimento familiar, entretanto, não obtive sucesso, e percebi que eram bastante resistentes ao tratamento e a uma possível reorganização da estrutura deste sistema. Percebia que estes observavam a menina como “o problema” que devia ser tratado. Decidi então que focaria o trabalho e atenderia somente Bela, uma menina bonita e inteligente, mas com uma tristeza aparente em seus olhos. Uma criança criada em meio a brigas, e ainda em elaboração do luto pela perda de seu vínculo materno.

Havia um “peso invisível” que era carregado por ela. Atitudes, falas e comportamentos que lembravam uma “criança-adulta”. A maneira de sentar, a dificuldade em brincar, a forma retraída de se expressar e a falta de espontaneidade eram coisas que me chamavam atenção para uma criança de sete anos de idade.

A partir de então, deixei claro que o espaço era para Bela. Fui criando um ambiente calmo e tranquilo, onde ela seria acolhida e compreendida, um local para a livre expressão de seus sentimentos.

Bela estava em sofrimento. Falava bastante sobre as brigas corporais que havia vivenciado após a morte de sua mãe. Percebia a frequência e intensidade destas falas, e providenciei um encontro com o pai e os avós. Este foi feito separadamente. Inês e Eduardo foram a favor que este encontro fosse realizado em conjunto, mas a avó materna não queria ver a família paterna, pois “não havia condições de conversa com eles” [*sic*]. Conversei com cada um e enfatizei a importância de que as brigas fossem

cessadas, e levantei a hipótese de que elas poderiam estar causando os comportamentos de Bela. Era provável que sua revolta estivesse sendo demonstrada através de atitudes agressivas na escola e dos choros constantes. Realizei algumas combinações com os familiares e após detive-me a dar atenção para a criança.

Walsh e McGoldrick (1998) salientam que a tarefa terapêutica em casos de morte na família é trazer o sofrimento à tona para que este possa ser elaborado. Complementando, Oaklander (1980) salienta a importância do atendimento às crianças, o qual busca ajudá-las a atravessar com mais facilidade algumas fases difíceis de suas vidas.

Franco e Mazorra (2007) colocam que a criança pode se deparar com sentimentos de desamparo e impotência diante da morte de um dos progenitores. Ela perde o vínculo do provedor de sustentação, o mundo que conhecia, sendo desafiada a lidar com os sentimentos resultantes do desmoronamento da família.

A perda de um dos pais pode gerar consequências profundas, a longo e curto prazo. Dentre elas, dificuldades em formar laços íntimos e carregar temores catastróficos de separação e abandono (Walsh & McGoldrick, 1998). Corroborando com essa ideia, Brazelton (1991) acrescenta que existem sentimentos universais em crianças que vivenciam a morte de um dos pais, como: o medo de perder o progenitor sobrevivente, que é percebido na angústia diante de situações novas e de separações; possessividade em relação ao pai sobrevivente e ciúme de seus relacionamentos; uma sensação de ser diferente, de ter uma família incompleta, especialmente quando as crianças com as quais convive tem as suas famílias intactas. Os sentimentos descritos eram evidentes em Bela, como as crises de choro diante de separações, frente a despedidas de pessoas próximas. Cada vez que sabia que o pai iria viajar a trabalho, a menina começava a ficar angustiada e “com dor de barriga” [*sic*]. A cada despedida começava a chorar desesperadamente. Dizia ter medo que ele não voltasse, permanecendo sempre muito próxima a ele.

A menina tinha muito ciúme de Eduardo e o queria sempre por perto, demonstrando alguns comportamentos de posse. Exigia deste toda a atenção possível, tratando-o com certo controle, querendo saber em qual lugar ele iria, com quem estaria e qual horário voltaria. Muitas das brigas entre pai e filha se assemelhavam a uma discussão entre marido e mulher.

Além disso, ainda indo de encontro ao estudo de Brazelton (1991), Bela tinha bastante dificuldade em expressar seus sentimentos e falar sobre a mãe falecida. Dizia que não gostava de falar sobre aquilo, e que na escola sentia vergonha de ser a única a não ter a mãe viva. Contava que se precisava falar sobre esse assunto, não falava na morte, apenas virava a cabeça e apontava com o dedo direcionado para cima.

As sessões eram semanais, e a cada encontro o vínculo crescia. Foi no décimo primeiro atendimento que a menina se sentiu à vontade para falar sobre seu sentimento relacionado à morte de Paula. Iniciou narrando o acidente que havia ocorrido com sua cachorrinha (ela havia caído da escada), e logo contou que tinha medo que ela morresse. Em seguida, falou a respeito de sua mãe, “sinto muita saudade dela, ela faz muita falta” [sic]. Contou que sentia um “aperto” [sic] quando falava dela, mas não conseguia chorar sempre que sentia isso.

Pude perceber como essa menina “guardava” seus sentimentos. Aos poucos, entendi que elaborava sua perda no seu ritmo, e que apenas ela iria poder estabelecer quando era seu momento de partilhar sua tristeza. Era uma situação delicada para Bela, e não queria forçá-la a expor seus sentimentos.

Silva (2009) coloca que é preciso respeitar a criança. Deve-se prestar atenção no seu ritmo, não obrigando falar sobre a perda e os sentimentos que surgem a partir desse fato, nem fazer perguntas em demasia ou evitar conversar sobre o assunto quando ela demonstra esse interesse.

Corroborando com a ideia acima, Brazelton (1991) sugere que seja respeitado o tempo de cada criança pequena que perde um dos progenitores. “Elas irão chorar durante anos, mas esporadicamente . . . Se as crianças não estiverem preparadas, ou se não quiserem compartilhar, isso também deve ser respeitado. A escolha do momento certo tem de ser individual” (p. 73). Complementando, as crianças possuem um modelo próprio de elaboração do luto, com características específicas por estarem em processo de estruturação da personalidade, o que difere do luto dos adultos (Franco & Mazorra, 2007; Silva, 2009).

O trabalho com Bela seguiu no sentido de apoiar e fortalecer a menina, buscando ajudá-la a enfrentar esse momento de sua vida. Diante da dificuldade em falar e se colocar, utilizava a brincadeira e a criatividade com fontes de expressão. Assim, poderia compreender melhor como era o mundo interior de Bela, conhecê-la, ouvi-la, entendê-la e aceitá-la.

Como diz Oaklander (1980) “terapia é uma arte” (p. 218), na qual devemos combinar o preparo, o conhecimento e a experiência com um sentido intuitivo, criativo e fluido, resultando numa terapia de sucesso. Com delicadeza e paciência, pode-se ajudar a criança no sentido da descoberta da “autoconsciência e do autoencontro”.

Através de desenhos, fantoches, criação de estórias ou brincadeira com bonecos, eu ajudava Bela a se expressar, e com o tempo, fomos melhorando cada vez mais nosso vínculo. Ela demonstrava e falava que gostava muito de ir aos atendimentos, percebia que estava mais comunicativa e contente, parecendo mais feliz. Vivenciava ali um ambiente acolhedor e tranquilo e, fora dali, com o trabalho que realizava em paralelo com os familiares, estava tendo uma rotina mais estruturada. Seu comportamento na escola havia melhorado, estava mais calma e amigável, e seu caderno mais organizado.

Fui percebendo seus medos e ansiedades nas brincadeiras com a família de bonecos, momento no qual Bela conseguia transmitir em falas e comportamentos dos bonecos seu medo de perder o pai e a saudade que sentia da mãe. Na brincadeira, a menina separou um boneco para ser o pai, outro para a mãe, e mais dois para serem as filhas, colocando nome a cada um deles. Eu interagia junto, sentava no chão e com os bonecos que interpretava conseguia fazer perguntas para entender o que estava acontecendo nas estórias. Mãe e pai cuidavam das filhas, acordavam e tomavam café-da-manhã juntos, depois o pai, antes de ir para o trabalho, deixava a filha mais velha na escola, e a mãe ficava em casa com a filha mais nova. Durante a brincadeira, disse que quando a boneca era deixada no colégio, sentia medo que seu pai não voltasse mais e que tinha muita saudade da mãe. Conforme Brazelton (1991), estes são sentimentos universais em crianças que vivenciam a morte de um dos pais.

Oaklander (1980), em seu trabalho com crianças, diz que é mais fácil falar por intermédio de um boneco ao invés de expressar diretamente o que acha difícil de dizer. “O boneco proporciona certo distanciamento, e a criança sente-se mais segura para revelar desta forma alguns dos seus pensamentos mais íntimos” (p. 124).

Com o tempo e respeito ao ritmo de Bela nosso vínculo foi sendo estabelecido. Apenas na vigésima oitava sessão, pela primeira vez ela conseguiu compartilhar a dor pela morte de sua mãe em choro e em palavras. Ao buscá-la na sala de espera, encontrei-a com uma revista na mão a qual estava lendo

enquanto esperava seu horário. Percebendo certa ansiedade para me contar algo sobre a reportagem que estava lendo, decidi entrar com o material para o atendimento para ouvir o que ela queria me dizer.

Na sala, me mostrou uma revista semanal de notícias com uma reportagem com pessoas mortas. Fiquei curiosa com a escolha da matéria, e comecei a fazer algumas perguntas sobre a mesma. Enquanto me respondia, ia fazendo um desenho. Ao desenhar a cabeça de uma mulher chorando, perguntei quem era essa pessoa que estava desenhando, e Bela começou a chorar incessantemente.

A menina, até então, nunca havia conseguido chorar nas sessões. Acolhi e dei atenção, deixando ela livre para expressar sua emoção como quisesse. Após o choro começou a se acalmar. Começamos a conversar e contou que lembrou que sua mãe estava morta como as pessoas da foto da reportagem da revista. Falou de sua saudade, expressou sua tristeza, pois sabia que a mãe não iria voltar e que a saudade não ia embora.

Durante esta mesma sessão, falou com uma voz e expressão de angústia que às vezes, no seu dia-a-dia, sente uma falta, mas não sabe de quem. “É como se eu estivesse aqui e tem alguém lá no Japão... mas eu não sei quem é... mas parece que nunca vou alcançar essa pessoa” [sic].

De acordo com Parkes (1998), a criança que vivencia o luto sente a falta, mas para ela fica difícil distinguir de quem é essa falta. Esta é a diferença no adulto, que sabe de quem está sentindo a perda.

Falamos a respeito dos sentimentos de saudade, tristeza e angústia, e deixei claro que aquele espaço era todo dela e que poderia falar novamente sobre esse assunto quando sentisse vontade. Levantou a hipótese de que a pessoa de quem sentia falta poderia ser a sua mãe, mas logo comentou que ainda não tinha certeza.

Após essa conversa, ao final da sessão, fizemos uma brincadeira com canetinhas. Bela as pegou e fez um desenho de uma borboleta muito colorida na sua mão e em seguida “carimbou” o papel. Ficou um trabalho muito bonito, e perguntou se podia fazer outro desenho na minha mão para que eu pudesse “carimbar” a mesma folha. Finalizou fazendo um cartão, enfeitou, colocou meu nome e me entregou agradecendo. Falou que havia gostado muito daquele encontro e que gostava de estar ali comigo. Encerramos aquele atendimento com um forte abraço. Parecia leve e contente ao ir embora.

Senti neste atendimento o progresso de Bela na elaboração do luto e na capacidade de expressar melhor seus sentimentos. Perder a mãe é uma tarefa difícil para qualquer criança, e merece toda a

atenção para que esse processo seja bem sucedido. Afinal, conforme Brazelton (1991) afirma, caso a criança seja privada da oportunidade de compartilhar a sua dor, há risco de fazer aumentar o seu medo de outra perda ou sentimento de isolamento. Possibilitar que a criança conheça seus sentimentos e compreenda o que ela vivencia, apenas contribuirá para seu processo de elaboração da perda.

Considerações finais

A elaboração do luto é um processo tanto familiar quanto individual, que desafia cognitiva e emocionalmente cada membro a reconstruir e reorganizar a sua vida. O luto das crianças deve ter uma atenção especial, pois ele será realizado a partir do estado emocional dos adultos que estiverem a sua volta, sejam dos familiares como da rede de apoio (Silva, 2009; Walsh & McGoldrick, 1998).

Segundo Franco e Mazorra (2007), o trabalho psicoterápico de uma criança enlutada torna-se mais eficiente quando realizado junto à família. Entretanto, diante dessa impossibilidade com os familiares de Bela, decidi realizar a intervenção com ela somente, mesmo sabendo que a melhora poderia ser mais efetiva se fosse realizada concomitantemente com atendimentos com a família.

Os atendimentos com Bela se basearam no apoio e fortalecimento, para que a mesma pudesse elaborar o luto no meio de tanta desestruturação e brigas familiares. Tirar a menina do meio desses “conflitos de adultos” foi o primeiro passo para que ela se enxergasse como criança, podendo se expressar e ser mais espontânea. Em suma, ser mais criança do que adulta.

Devemos ajudar a criança a enfrentar e compreender a sua própria perda. Observar seu crescimento, esperar que a mesma entenda o conceito de morte. A elaboração do luto é um processo longo e contínuo, sem tempo pré-determinado, e este processo eu não poderia forçar nos atendimentos. Respeitei seu tempo. Percebia que ela tinha necessidade de falar algo, mas nem ela sabia bem ao certo o que era. À medida que fomos criando o vínculo, ela conseguiu chorar e falar diretamente sobre a perda da mãe.

Acredito que o poder do nosso vínculo tenha facilitado nesse processo, pois construíamos, a cada sessão, um afeto e uma empatia que eram necessários para que esses sentimentos viessem à tona.

Considero a relação terapêutica um importante veículo para auxiliar na evolução do progresso psicoterapêutico.

Abrir um espaço de expressão de sentimentos torna-se de suma importância frente a uma perda, seja tanto em casa com os familiares quanto num ambiente psicoterápico, pois possibilitará que a criança conheça seus sentimentos e compreenda o que está vivenciando. Para Bela, diante da desorganização em que sua família se encontrava, o ambiente acolhedor da terapia foi parte fundamental contribuinte para o processo de elaboração do luto.

Elaborar o luto é um processo que ainda tem um caminho a ser seguido por Bela, e dependerá dela e das pessoas a sua volta para dar continuidade a essa jornada. Não existe uma “receita de bolo” para a elaboração do luto, e Bela, junto à psicoterapia, irá continuar construindo esse novo caminho, passo a passo, em direção a uma melhor qualidade de vida.

Referências

- Brazelton, T. B. (1991). *Cuidando da família em crise*. São Paulo: Martins Fontes.
- Carter, B. & McGoldrick, M. (2001). *As mudanças no ciclo de vida familiar: Uma estrutura para a terapia familiar* (2. ed.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Franco, M. H. P., & Mazorra, L. (2007). Criança e luto: Vivências fantasmáticas diante da morte do genitor. *Estud. Psicol., Campinas, 24*(4). Retirado em 10/02/2011, do SciELO (Scientific Electronic Library Online): <http://www.scielo.br/prc>.
- Oaklander, V. (1980). *Descobrendo crianças: A abordagem gestáltica com crianças e adolescentes*. São Paulo: Summus.
- Parkes, C. M. (1998). *Luto: Estudos sobre a perda na vida adulta*. São Paulo: Summus. Retirado em: 11/01/2011, do Google Books: <http://books.google.com.br/books>.
- Silva, D. R. (2009). Famílias e situações de luto. In L. C. Osório, M. E. P. Valle (Orgs.). *Manual de Terapia Familiar* (pp. 376 - 398). Porto Alegre: Artmed.
- Walsh, F., & McGoldrick, M. (1998). *Morte na família: Sobrevivendo às perdas*. Porto Alegre: Artmed.

Endereço para correspondência

monicamarin27@hotmail.com

Enviado em 19/12/2011

1ª revisão em 18/04/2012

2ª revisão em 05/09/2012

Aceito em 12/09/2012